

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA A DISTÂNCIA

INGRID ARANTES RODRIGUES

**A IMPORTÂNCIA DA ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO ESCOLAR PARA O
DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO
INFANTIL**

UBERLÂNDIA – MG

2021

INGRID ARANTES RODRIGUES

**A IMPORTÂNCIA DA ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO ESCOLAR PARA O
DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO
INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao curso de
Pedagogia modalidade a Distância da Universidade Federal
de Uberlândia.

Polo: Uberlândia

Orientador: Prof.^a Dr.^a Iara Vieira Guimarães

UBERLÂNDIA – MG

2021

INGRID ARANTES RODRIGUES

**A IMPORTÂNCIA DA ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO ESCOLAR PARA O
DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO
INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso,
orientado pela Prof.^a Dr.^a Iara Vieira
Guimarães, apresentado ao curso de
Pedagogia modalidade a Distância da
Universidade Federal de Uberlândia,
como requisito parcial para obtenção de
grau de Licenciatura em Pedagogia.

Uberlândia, 08 de Novembro de 2021.

RESUMO

Essa pesquisa aqui descrita tem o objetivo de analisar como a organização do espaço físico influencia no desenvolvimento e aprendizagem das crianças na Educação Infantil, de como o educador pode organizar ambientes em função do que pretende atingir.

O procedimento metodológico utilizado nessa pesquisa está baseada em revisão bibliográfica, considerados os seus principais referenciais teóricos: Vygotsky e Wallon a partir de autores como: Bassedas, Huguet e Solé (2008), Gandini (1990), Horn (2004), Moura (2009), Z. Oliveira (2001), entre outros, os quais discutem a importância da organização dos espaços, do papel do educador e também como se dá à relação da criança com o meio proporcionado a ela. O ambiente educativo não é algo isolado, faz parte de todo um conjunto de fatores que visam dar resposta a todas as necessidades educativas, além que o ambiente pode ter duas influências: direta e indireta. A forma como o espaço está previamente organizado deve fornecer experiências facilitadoras de aprendizagens para o grupo no geral, bem como para a criança de forma individualizada.

Palavras-chave: Espaço; Criança; Aprendizagem; Educação Infantil.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UFU - Universidade Federal de Uberlândia

ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente

PNE - Plano Nacional de Educação

CNE – Conselho Nacional de Educação

CEB – Câmara de Educação Básica

LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

EI – Educação Infantil

DCNEI – Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil

SUMÁRIO	PÁGINAS
1. INTRODUÇÃO.	7
2. MEMORIAL.	8
3. AS CONCEPÇÕES DE INFÂNCIA E CRIANÇA.	10
4. CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL.	12
5. A IMPORTÂNCIA DA ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO/AMBIENTE EDUCATIVO PARA O DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.	17
5.1. Espaço/Ambiente Escolar.	17
5.2. Mobiliários e o Tempo.	18
5.3. Espaço Externo.	20
5.4. Brincadeiras, Propostas Pedagógicas e Intervenção do Educador.	20
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.	22
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.	23

1. INTRODUÇÃO

Essa pesquisa aqui descrita tem o objetivo de reconhecer como a organização do espaço físico influencia no desenvolvimento e aprendizagem das crianças na Educação Infantil e de como o educador pode organizar ambientes em função do que pretende atingir, sendo utilizado como procedimento metodológico a revisão bibliográfica, considerando os principais teóricos da pesquisa qualitativa.

É necessário entender o que quando falamos em espaço escolar estamos considerando tanto o substrato físico como as ações humanas. O espaço escolar também não é fechado em si, mas existe em um contexto social e histórico. Portanto, a escola abarca tempo e espaço, está situada em um espaço geográfico e em um tempo histórico.

O processo de aprendizagem das crianças ocorre mediante as interações entre crianças, criança-objetos, criança-espaço e as ações em determinado tempo. É fundamental, portanto, o planejamento de um espaço motivador com cores, luzes e equilíbrio entre decoração e móveis – que contribua para que a criança, ao conviver com grupos diversos, assuma diferentes papéis e se conheça melhor, além de reconhecer-se na coletividade e respeitar “os outros” que dela participam.

De acordo com Horn (2004, p. 28):

É no espaço físico que a criança consegue estabelecer relações entre o mundo e as pessoas, transformando-o em um pano de fundo no qual se inserem emoções [...] nessa dimensão o espaço é entendido como algo conjugado ao ambiente e vice-versa. Todavia é importante esclarecer que essa relação não se constitui de forma linear. Assim sendo, em um mesmo espaço podemos ter ambientes diferentes, pois a semelhança entre eles não significa que sejam iguais. Eles se definem com a relação que as pessoas constroem entre elas e o espaço organizado.

O ambiente educativo não é algo isolado, faz parte de todo um conjunto de fatores que visam dar resposta a todas as necessidades educativas.

Um ambiente educativo, bem estruturado e refletido, será um grande potenciador de oportunidades, e é neste sentido que o educador deve estar atento, de forma que o ambiente proporcione bem-estar, e boas relações interpessoais, sem esquecer, que o ambiente deverá ser um espaço favorável à aprendizagem e autonomia, pois as crianças encontram-se num processo de construção da sua identidade, movimenta-se agilmente e cria as relações com as coisas e com os outros, sendo aqui importante também a segurança física e afetiva.

O trabalho encontra-se organizado em cinco capítulos, incluindo esta Introdução. O segundo capítulo traz algumas recordações da autora enquanto criança, estudante do curso de Pedagogia, em diferentes espaços e tempos. O terceiro capítulo há reflexões sobre as Concepções da Infância e Criança. Já o quarto capítulo enfatiza sobre a Educação Infantil e seus Aspectos históricos e legais. E no quinto capítulo é abordado sobre o tema principal do trabalho A Importância da Organização do Espaço/Ambiente Educativo para o Desenvolvimento e Aprendizagem da Criança na Educação Infantil. E por fim, o sexto e último capítulo, se faz algumas considerações finais sobre o trabalho.

2. MEMORIAL

Me chamo Ingrid Arantes Rodrigues e tenho 28 anos. Filha de Kátia Peres Arantes Rodrigues e Robin Pereira Rodrigues. Sou a filha mais nova. Tenho uma irmã que se chama Lísia, 30 anos. Nasci no estado de Minas Gerais na cidade de Uberlândia, no dia 11/08/1993.

A minha trajetória escolar se iniciou bem cedo, quando eu tinha 5 meses. Minha mãe era professora, atualmente aposentada, teve que retornar para escola após o seu período de licença maternidade, precisando assim me colocar em uma escola que atendia do berçário até a Educação Infantil. Todo o meu desenvolvimento aconteceu nessa escola. Me recordo pouco dessa época, mas minha mãe sempre me dizia que eu adorava ficar lá.

Na minha infância sempre gostei de brincar. Morei em um condomínio onde habitavam muitas crianças, e sempre passávamos a tarde brincando no parquinho. Adorava brincar de boneca Barbie, pique-pega, pique-esconde, bola.

Minha mãe como professora de educação física, sempre me incentivou e também minha irmã a fazer esporte, então já joguei Handebol, Volei, na minha adolescência fiz Ginastica Olímpica.

Quando penso em minha infância lembro de muita, muita coisa boa, e numa dessas reflexões me recordei dos planos que eu tinha quando era criança, sempre falei que queria ser professora pois a minha brincadeira favorita era escolinha, pegava todas as minhas bonecas em um quarto vago em casa improvisava uma sala de aula, colocava-las em fileira, criava cadernos para as bonecas e a porta do quarto fazia de quadro, e lá passava o dia brincando de ser professora.

Sempre tive boas recordações na minha época da escola, sempre participei das

atividades complementares na escola, que são as Feiras de Ciências, Apresentação de Dança, Apresentação de Trabalho nas datas comemorativas.

Ao longo de toda minha trajetória conclui que o professor quer saber o nome, quer saber quem é quem, quer saber as histórias, as origens, o professor se envolve, mesmo quando tenta evitar, está ali não para ensinar só a matéria, mas para ensinar o melhor do que sabe sobre a vida. Também entendi que o professor tem medo de errar, mas mesmo assim continua seu “caminho” sempre em busca do melhor para seus alunos, acreditando no que se faz a cada dia e sempre lembrando do sorriso que surge em nosso rosto quando nos damos conta de que aprendemos algo, tenho esse entendimento pois, sempre fui uma aluna mais calada e observadora, e nas minhas turmas sempre haviam muitas crianças levadas que não respeitavam as professoras e atrapalhavam as aulas com conversas paralelas, e mesmo assim todas as minhas professoras sempre se empenhavam para elaborar uma aula criativa, elas nos levavam para a quadra para que pudéssemos realizar dobraduras e pinturas, outras nos levavam para a biblioteca para realizarmos uma pesquisa, outras passavam filmes, e “posteriormente” eram feitas as avaliações, para identificar se o aprendizado estava se concretizando.

Quando entrei no Ensino Médio comecei a evidenciar minhas dificuldades em matemática, a qual, sempre ficava de recuperação e de prova final. E é nesse momento que penso na docência como um ato ensinar. Para que se tenha sucesso e necessária muita dedicação e amor, e é assim que me recordo da minha professora de matemática que sempre se dispôs a ensinar com amor e paciência.

Ao final do Ensino Médio, exatamente no 3º ano, comecei a pensar na minha vida profissional. Vivi um dilema entre a escolha do curso da Graduação, mesmo sabendo sobre o meu desejo de infância.

Em 2011 entrei para faculdade de Psicologia, cursei até o 5º período, porém tive que largar a faculdade, pois fiquei grávida. Não foi uma decisão fácil trancar a faculdade, mas no momento era preciso.

Tenho dois filhos e sou casada. O meu mais velho tem 6 anos e se chama Rafael e a minha caçula tem 1 ano e 3 meses que se chama Ísis. O cuidar, o ensinar e o aprender com meu filho mais velho foi o que incentivou a me ingressar ao curso de Pedagogia, a qual, me fez recordar do meu desejo de criança em ser professora.

Mesmo já tendo vivenciado no espaço de uma faculdade e de um curso de graduação, começar novamente era novo para mim, até porque o curso é na modalidade a distância, sendo um dos grandes desafios a vivenciar na faculdade, pois o contato direto

com os professores e os colegas de sala fazem muita falta.

Percebi que na Pedagogia poderia conquistar novos espaços. Vi que a educação abarca tantas coisas. Aprendi história, psicologia, legislação, educação ambiental, geografia, EJA, economia, administração, filosofia, ciências, educação especial, português, tecnologia, sociologia, matemática, políticas públicas, psicanálise, entre outras coisas. O curso me encantou de um jeito que se tornou impossível pensar em deixar a educação.

Diante do que tenho vivenciado no curso acredito que serei capaz de contribuir para que as crianças sejam conquistadas, e conseqüentemente tenham prazer em aprender, visto que no processo de ensino aprendizagem o professor deve se inserir na realidade do aluno, estar em contato com ele, buscando abordar temas e assuntos que façam com que o aluno se sinta bem, buscando recursos inovadores para estimular a aprendizagem deles, como; incentivar que eles escolham livros ou textos para levar para casa, levar as crianças a bibliotecas pois assim eles podem ver que a leitura não precisa se restringir aos muros da escola, e utilizar a tecnologia a nosso favor.

Por gostar de explorar ambientes e espaço, brincar ao ar livre, e saber que a criança precisa viver a sua infância de forma saudável e bem, o meu tema escolhido para o Trabalho de Conclusão de Curso, abordará a organização do espaço, relacionando a sua importância para o desenvolvimento e aprendizado da criança.

Falar de espaço não é tão simples. Há diferenças entre o ambiente educativo, o espaço físico e noção de espaço segundo a perspectiva da criança. A motivação de estudar o espaço escolar na Educação Infantil, considerada como uma das dimensões materiais do currículo, decorreu de algumas inquietações ao longo do meu processo educativo, de estudos no curso de Pedagogia, e, especialmente, durante os estágios. Este conjunto de experiências me instigou a aprofundar os conhecimentos sobre os aspectos relacionados à aprendizagem, à docência e à escola, em especial as múltiplas representações em que a aprendizagem pode ocorrer relacionados ao uso que estudantes e professores fazem do Espaço Escolar.

3. A CONCEPÇÃO DA INFÂNCIA E CRIANÇA

É fundamental (re)visitarmos as concepções de infância que atravessam a educação da criança a partir dos estudos no campo da história da infância para

desenvolver um olhar histórico que nos possibilita entender os diferentes modos de tratamento, representação e (re)conhecimento que as crianças foram submetidas ao longo da história e das expectativas que cada sociedade, em momentos diferentes, almejavam e almejam para os seres humanos de pouca idade.

Áries (1981) ressalta que "na sociedade medieval a criança a partir do momento em que passava a agir sem solicitude de sua mãe, ingressava na sociedade dos adultos e não se distinguia mais destes". (p.156). Sendo assim, as crianças eram representadas como adultos em miniatura, não tinha seu tempo respeitado, não existia neste período, o chamado sentimento de infância. As crianças eram separadas de seus pais muito cedo e nem sempre a família tinha o papel de socializar e de transmitir valores, como atualmente.

De acordo com Cohn (2005), desde a década de 1960 os conceitos da Antropologia foram revistos e reformulados e começaram a perceber a criança como um sujeito social. A Antropologia ao rever o conceito de cultura passa a compreender as crianças como atores sociais, criando seus próprios papéis.

De acordo com Kuhlmann (1998), podemos pensar que toda criança tem infância, mas não se trata de uma infância idealizada, e sim concreta, histórica, social. A questão central não é se a criança teve/tem infância, mas de compreendermos que infância a criança vivenciou/vivencia.

A infância como uma categoria histórica comporta um universo de representações de inúmeras crianças, de vivências e marcas do entorno social, e, portanto, não comporta um único conceito, ideia ou explicação universal relativo ao mundo infantil, assim como não é pertinente pensar em uma única infância como construto teórico universal, visto que há inúmeras infâncias.

Ao compreendermos a criança como sujeito histórico, precisamos de um recorte teórico do estudo da criança. Os discursos e práticas de socialização, ao se dirigirem à criança, "constroem um imaginário sobre a infância, produzindo modelos de gestos, hábitos, comportamentos que são material de socialização nos processos de formação de tais atores. A criança é também produto de tais práticas e discursos" (SARMENTO, 2002, p. 20).

Portanto a criança tem uma produção simbólica diferenciada, em que o mundo adulto constitui a fonte de sua experiência social e o material de suas formas de expressão.

Confirmamos que a infância é uma categoria geracional. As crianças são sujeitos que participam dessa categoria, que atualmente têm voz própria e direitos. Devem ser ouvidas, consideradas com seriedade e envolvidas no diálogo e na tomada de decisões

democráticas.

Souza (2007) enfatiza que,

[...] a criança e sua infância não representam, por conseguinte, a natureza purificada em estado virgem. Nasce marcada pela cultura mesmo que sem ainda apropriar-se dela por completo, cresce como natureza em função das suas necessidades – comuns e específicas, de sono, afeto, amamentação, entre outros cuidados. A tradição do pensamento evolucionista difundido também na esfera educacional traz a ideia de uma criança “individualizada” naturalmente e que se tornará no decorrer do seu desenvolvimento com as devidas condições favoráveis um sujeito “socializado”, a escola tendo assim o papel de socializadora tanto no plano do conhecimento como das relações. (SOUZA, 2007, p. 74).

Pensar a infância e a criança fora do contexto histórico é reduzir seus significados, significa considerá-la apenas como um organismo em desenvolvimento, ou simplesmente uma categoria etária, esquecendo-se de que a criança é uma pessoa enraizada em um tempo e um espaço, uma pessoa que interage com outras categorias, que influencia o meio onde vive e também é influenciado por ele.

Contudo, o conceito de infância é um fenômeno histórico que foi se modificando a partir de transformações sociais e econômicas da sociedade. Deste modo é possível afirmar que a compreensão sobre o sentimento de infância se modificou até chegar ao que hoje entendemos como infância.

Kramer (2001) destaca que para elaborarmos uma pedagogia voltada para a infância, torna-se necessário que:

[...] partir do princípio de que as crianças (nativas ou imigradas, ricas ou pobres, brancas ou negras) tinham (e têm) modos de vida e de inserção social completamente diferentes umas das outras, o que correspondia (corresponde) a diferentes graus de valorização da infância pelo adulto, a partir de suas condições econômicas, sociais e culturais, e do papel efetivo que exerciam (exercem) na sua comunidade. (KRAMER, 2001, p.20).

Sendo assim, a Educação Infantil, abre inúmeras possibilidades para a aprendizagem da criança. Pois é no seu desenvolvimento que a criança vai construindo a sua autonomia. Por isso mesmo, a criança deve ser ouvida, até porque na escola elas devem ter a possibilidade de se expressarem por meio de diferentes linguagens.

4. CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL

Do ponto de vista histórico, a educação da criança esteve sob a responsabilidade exclusiva da família durante séculos, porque era no convívio com os adultos e outras

crianças que ela participava das tradições e aprendia as normas e regras da sua cultura.

Oliveira (2008) registra que até o século XIX não existia o que hoje denominamos Educação Infantil, pois foi com a urbanização e a expansão da escola obrigatória no Brasil que ela surgiu. A autora frisa que as lutas pela democratização da escola pública, que desde a década de 1970 envolveram grande número de educadores, e as pressões feministas e de movimentos sociais de luta por creches possibilitaram a conquista do reconhecimento da educação em creches e pré-escolas.

Já na Europa, segundo Rosemberg (1992), instituições destinadas ao cuidado de crianças até 6 anos de idade começaram a surgir, em vários países, do início até a metade do século XIX, com ideias e concepções de diferentes modelos de organização sobre o que fazer com as crianças enquanto permanecessem nessas instituições. E as Instituições de Educação Infantil começaram a crescer quando parte da Europa se industrializou, e com o passar do tempo, a creche e as salas de asilo se tornaram etapas que antecedia a escolarização.

No Brasil, segundo Kuhlmann (1998), as creches tiveram início com o sistema republicano em 1889.

A creche no Brasil surge acompanhando a “estruturação do capitalismo, a crescente urbanização e a necessidade de reprodução da força de trabalho”, ia desde a liberação da mulher-mãe para o mercado de trabalho até uma visão de mais longo prazo em preparar pessoas nutridas e sem doenças.

Sendo assim temos uma linha do tempo histórico da Educação Infantil:

ATENDIMENTO À INFÂNCIA ATÉ 1900: Existiu institucionalmente a Casa dos Expostos, também chamada de Roda. Tratava-se de um lugar onde eram deixadas as crianças não-desejadas. Deve-se a criação da Roda a Romão de Mattos Duarte. A sociedade da época achava que o grande número de mortes de crianças era devido aos nascimentos ilegítimos (frutos da união entre escravos ou entre escravos e senhores) e à falta de educação moral, física, e intelectual das mães. Podemos observar que as duas causas culpam a família, além de dizerem que os negros escravos eram portadores de doenças. Não se levava em consideração as condições econômicas e sociais e a ausência de estruturas de saúde pública.

1900 A 1930: Organizados aqui no Brasil, os operários passaram a protestar contra as precárias condições de vida e de trabalho. Os empresários procurando enfraquecer os movimentos começaram a conceder algumas creches e escolas maternais para os filhos de operários. A creche passou a ser defendida por sanitaristas preocupados com as condições de vida da população operária.

Grupos de mulheres de classes sociais mais abastadas que, organizadas em associações religiosas ou filantrópicas, criaram várias creches. Instruíam as mulheres das camadas populares a serem boas donas-de-casa e a cuidarem adequadamente de seus filhos. Eram convictas de que o cuidado materno era o melhor para a criança e que o cuidado em grupo (creche) era certamente um substitutivo inadequado.

Em 1922, o Estado organizou o 1º Congresso Brasileiro de Proteção à Infância. As conclusões foram as de que a creche tinha como finalidade:

- Combater a pobreza e a mortalidade infantil;
- Atender os filhos da trabalhadora, mas com uma prática que reforçava o lugar da mulher no lar e com os filhos;
- Promover a ideologia da família.

1930 A 1980: Mário de Andrade é nomeado diretor do Departamento de Cultura e começa a estruturar o “Parque Infantil”. A proposta era dar atendimento às crianças de 3 a 6 anos e também às de 7 a 12 anos, fora do horário escolar. O parque proporcionava à criança de família operária o direito à infância, a brincar e ao não-trabalho. Dava ênfase ao caráter lúdico e artístico. Em 1940, foi criado o Departamento Nacional da Criança no Ministério da Educação e Saúde. Em 1950 verificou-se que as medidas morais foram as que tiveram maior destaque, pretendia-se domesticar as classes populares, tirando-as da desordem, do instinto e da tradição e inculcando os valores das classes médias.

DÉCADA DE 1980: Pode-se dizer que nesta década houve um avanço considerável com relação à Educação Infantil. Como:

- Foram produzidos estudos e pesquisas de relevante interesse, inclusive discutindo e buscando a função da creche/pré-escola;
- Universalizou-se a ideia de que a educação da criança pequena é importante (independentemente de sua origem social) e que é uma demanda social básica;

- A Constituição de 1988 definiu a creche e a pré-escola como direito de família e dever do Estado em oferecer esse serviço.

1990: A Lei n. 8069, de 13 de julho de 1990, dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), ratificando os dispositivos referentes à creche e à pré-escola para as crianças menores de 6 anos. Ao longo dos anos de 1990, o Ministério da Educação (MEC) realizou várias ações, projetos, publicações e programas com a participação de diferentes segmentos e organizações sociais, buscando contribuir para a construção de uma nova concepção para a educação das crianças de 0 a 6 anos.

Janeiro de 2001: Aprovado o Plano Nacional de Educação (PNE) que apresentou 25 metas para a educação infantil a serem cumpridas ao longo de uma década. Dentre esses objetivos constavam a ampliação da oferta de creches e pré-escolas, a elaboração de padrões mínimos de qualidade de infraestrutura para o funcionamento adequado das instituições de educação infantil, a autorização de funcionamento das instituições, a formação dos profissionais da área, a garantia da alimentação escolar para as crianças atendidas nos estabelecimentos públicos e conveniados, o fornecimento de materiais adequados às faixas etárias, o estabelecimento de padrões de qualidade como referência para a supervisão, o controle, a avaliação e o aperfeiçoamento da educação infantil.

É imprescindível citarmos também, neste momento, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (Resolução CNE/CEB 5/2009. Diário Oficial da União, Brasília, 18 de dezembro de 2009, Seção 1, p. 18), pois essa Lei contém os princípios e determinações que regem a Educação Infantil em nosso país. Pois foi a partir deste documento, que a Educação Infantil passa por um intenso processo de revisão de concepções sobre educação de crianças em espaços coletivos e de seleção e fortalecimento de práticas pedagógicas mediadoras de aprendizagens e do desenvolvimento das crianças pequenas. Têm se destacado, em especial, as discussões sobre como orientar o trabalho junto às crianças de até 3 anos em creches e como assegurar práticas junto às crianças de 4 e 5 anos que prevejam formas de garantir a continuidade no processo de aprendizagem e desenvolvimento das crianças, sem antecipação de conteúdos que serão trabalhados no Ensino Fundamental.

Na legislação educacional brasileira, a educação da criança de 0 a 5 anos é considerada como a primeira etapa da Educação Básica e está integrada aos sistemas de ensino.

A Constituição Federal/1988¹⁶ reconhece a criança como sujeito de direito e determina, dentro da estrutura do Estado, as instâncias que devem se ocupar em garantir o seu atendimento. No Artigo 205, estabelece que é dever do Estado o atendimento, em creche e pré-escola, para crianças de 0 a 5 anos.

Segundo a LDBEN, a Educação Infantil compete aos municípios. São eles que devem “organizar e desenvolver os órgãos e instituições oficiais dos seus sistemas de ensino, integrando-os às políticas e aos planos educacionais da União e dos Estados” (Art.11, inciso I); “oferecer a EI em creches e pré-escolas e, com prioridade, o ensino fundamental, permitida a atuação em outros níveis de ensino somente quando estiverem atendidas plenamente as necessidades de sua área de competência e com recursos acima dos percentuais mínimos vinculados, pela Constituição Federal, à manutenção e ao desenvolvimento do ensino” (Art.11, inciso V); “Os municípios poderão optar, ainda, por se integrar ao sistema estadual de ensino ou compor com ele um sistema único de educação básica” (parágrafo único). Para LDBEN, a Educação Infantil é a “primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade” (Art. 29).

As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil constituem-se nos Princípios, Fundamentos e Procedimentos da Educação Básica, definidos pela Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, que objetivam orientar as instituições de Educação Infantil dos sistemas brasileiros de ensino na organização, articulação, desenvolvimento e avaliação de suas propostas pedagógicas. Segundo este documento, é obrigatória a matrícula na Educação Infantil de crianças que completam 4 ou 5 anos de idade até o dia 31 de março do ano em que ocorrer a matrícula. As crianças com 6 anos completos ou a completar até o dia 31 de março do ano em que ocorrer a matrícula deverão ser matriculadas no Ensino Fundamental; as que completarem 6 anos após esta data devem ser matriculadas na Educação Infantil. A frequência na Educação Infantil não é pré-requisito para a matrícula no Ensino Fundamental (DCNEI, 2010, p. 15).

No Brasil, o direito à educação para “as crianças pequenas” foi conquistado a partir da Constituição Federal de 1988 e das legislações subsequentes, como já mencionado. Dessa forma, a criança adquire o direito de frequentar instituições especialmente organizadas para a educação e o cuidado em função do seu período peculiar de desenvolvimento, com profissionais qualificados e em ambientes que respeitem e

possibilitem à criança viver o seu tempo de infância.

5. A IMPORTÂNCIA DA ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO EDUCATIVO PARA O DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

5.1. Espaço Escolar.

Para buscar um melhor desenvolvimento e aprendizagem da criança no contexto da educação infantil, o espaço físico torna-se um elemento indispensável a ser observado.

Zabalza (1998 apud HORN, 2004, p. 35), fala da distinção entre espaço e ambiente, apontando que:

[...] o termo espaço se refere aos locais onde as atividades são realizadas, caracterizados por objetos, móveis, materiais didáticos, decoração. O termo ambiente diz respeito ao conjunto desse espaço físico e às relações que nele se estabelecem. (HORN, 2004, p.35).

Nesta perspectiva o espaço escolar possibilita a construção de conhecimento. Moura (2009) enfatiza que o espaço deve ser sinônimo de grandes e diversas possibilidades de formação dos pequenos.

As Instituições de Educação Infantil deve pensar cuidadosamente sobre esse espaço destinado as crianças, já que são espaços específicos para o desenvolvimento e aprendizagem, e para que isso seja possível, no planejamento do ambiente se deve levar em consideração o tamanho do espaço da sala de aula, a área de lazer, a higiene, a iluminação, a segurança, a climatização, se há espaços para as atividades livres, se é agradável o visual físico, dentre outros.

Para Hank (2006) a organização do espaço criado para as crianças devem ser de acordo com a sua faixa etária, a qual, é preciso propor desafios cognitivos e motores para o avanço do desenvolvimento das potencialidades das crianças.

Para construção da identidade pessoal da criança, o preciso oferecendo um ambiente rico e variado. A personalização estimula os sentidos sendo essencial no desenvolvimento do ser humano, a qual, a criança pode desenvolver a sua autonomia e a sua independência.

A forma como o espaço está previamente organizado deve fornecer experiências facilitadoras de aprendizagens para o grupo no geral, bem como para a criança de forma

individualizada. Esta organização de espaço que se pressupõe estimulante, é hoje em dia uma das maiores inquietações dos profissionais de educação, sendo que o importante é que as crianças que usufruem do mesmo consigam não só ver a sua organização, bem como a sua forma de utilização permitindo que a mesma seja um suporte ao desenvolvimento curricular. Ainda assim é fundamental que seja permitido às crianças fazer, escolher e aprender.

Portanto, o ambiente educativo pode ser facilitador ou limitador do processo de aprendizagem, essa influência está em conformidade com os objetivos e dinâmicas gerais das atividades.

É no ambiente educativo que o educador deve ficar atento, refletindo no espaço educativo sempre e alterá-lo caso seja necessário, visando a adequação, meio facilitador, estimulante e rico em oportunidades e experiências, pois este exerce um papel ativo no processo educativo seja qual for o modelo pedagógico usado pelo educador.

Para se organizar um espaço na educação infantil preciso pensar principalmente nas crianças, de como eles podem aprender e como irão utilizar. Os materiais que são disponibilizados no ambiente educativo devem ajudar no desenvolvimento e na aprendizagem das crianças, dar atenção a que os materiais sejam diversificados e ao longo do tempo desafiantes, aliando isto às necessidades/dificuldades e individualidade de cada criança.

David & Weinstein citados por Carvalho e Rubiano (2001, p.109) afirmam que “todos os ambientes construídos para crianças deveriam atender cinco funções relativas ao desenvolvimento infantil, no sentido de promover: identidade pessoal, desenvolvimento de competência, oportunidades para crescimento, sensação de segurança e confiança, bem como oportunidades para contato social e privacidade.”

Se o espaço não for um espaço estimulador, que desperta interesse das crianças de alguma forma elas tentarão demonstrar suas insatisfações, que podem ser observadas em seus comportamentos, na forma de como se relacionam com outras crianças e até mesmo com o educador.

5.2. Mobiliários e o Tempo

Quando se fala na disposição dos materiais, das mesas e dos alunos, o espaço é um recurso importante que é planejado e gerido pelos educadores. A forma como o espaço é utilizado interfere no ambiente da sala, influencia o diálogo e a comunicação e

tem efeitos emocionais e cognitivos importantes nos alunos.

De acordo com Tiriba (2008):

“[...] por fim, será necessário buscar a parceria das crianças nas decisões sobre a organização e na decoração da escola, pois, se as crianças são sujeitos de conhecimento e também de desejo, se crescem e modificam seus interesses e possibilidades, também os espaços podem ser por elas permanentemente modificados.” (TIRIBA, 2008, p. 43)

Oferecer materiais e mobiliários adequados é fundamental para um ensino e uma aprendizagem de qualidade, dando atenção para que os materiais sejam diversificados e ao longo do tempo desafiantes, aliando isto às necessidades/dificuldades e individualidade de cada criança, de forma que eles estejam ao alcance delas, que sejam adequados à idade dos alunos, que estejam organizados, higienizados etc.

É preciso oferecer espaços com propostas diferenciadas, situações diversificadas, que ampliem as possibilidades de exploração e “pesquisa” infantil. As crianças ampliam suas possibilidades de exercitar a autonomia, a liberdade, a iniciativa, a livre escolha, quando o espaço está adequadamente organizado.

De acordo com sua pesquisa Horn (2004), escreve:

O olhar de um educador atento é sensível a todos os elementos que estão postos em uma sala de aula. O modo como organizamos materiais e móveis, e a forma como crianças e adultos ocupam esse espaço e como interagem com ele são reveladores de uma concepção pedagógica. Aliás, o que sempre chamou minha atenção foi a pobreza frequentemente encontrada nas salas de aula, nos materiais, nas cores, nos aromas; enfim, em tudo que pode povoar o espaço onde cotidianamente as crianças estão e como poderiam desenvolver-se nele e por meio dele se fosse mais bem organizado e mais rico em desafios. (HORN, 2004, p. 15).

No que diz respeito à organização do tempo, este deve dar resposta ao desenvolvimento e aprendizagem do grupo, além de proporcionar à criança tempo para expressar os seus objetivos e intenções. Na educação pré-escolar é muito usual criar rotinas para todos os momentos, o que facilita às crianças a fazerem uma previsão do seu dia.

Para Cardona (1992, p. 9) A existência de uma clara explicitação da sequência diária, é considerada como fundamental para que a criança se consiga orientar ao longo do dia, sem necessitar de estar constantemente na dependência do adulto.

Portanto, o este tempo educativo precisa ser flexível, para que permite dar liberdade a alterações sendo que a rotina pedagógica é intencionalmente planeada.

5.3. Espaço Externo

Oliveira (2008) evidencia que quando falamos em espaço não significa apenas a sala, as atividades propostas às crianças podem ter lugar em vários locais e estendesse à rua, ao bairro e à cidade, por isso é importante ter em conta a organização e condições destes espaços.

É preciso ouvir as crianças, pois elas expressam onde e como desejam brincar e aprender. É fundamental ouvir as crianças por meio de suas diversas linguagens, afinal são elas que vão de fato habitar o espaço escolar. Perguntar e sobretudo observar onde, como, quando, com quem e com que materiais elas brincam levará a muitas pistas de como o espaço pode ser melhor aproveitado.

Segundo Barker (1968) citado por Zabalza (1992), o meio ou contexto possui as suas próprias estruturas que facilitam, limitam e ordenam o comportamento das crianças. Os diferentes ambientes terão influência nos diferentes comportamentos que surgem, como refere Malik, citando Sommer (1965) “o comportamento resulta em parte das características particulares do mundo físico”.

As crianças têm o direito de experimentar, aprender, brincar, explorar, se esconder e se encantar com a - e na - natureza, e que os esforços para que isso de fato aconteça devem ser de responsabilidade dos diferentes setores da nossa sociedade, incluindo as escolas.

Para Horn (2004) os espaços externos são considerados prolongamentos dos espaços internos e precisam ser utilizados numa perspectiva pedagógica. Sendo assim, outros todos os espaços escolares devem ser considerados.

5.4. Brincadeiras, Propostas Pedagógicas e Intervenção do Educador

É do conhecimento de qualquer profissional de educação que são vários os modelos pedagógicos que existem e que, conseqüentemente influenciam as intenções pedagógicas do próprio.

No currículo da educação, a organização do ambiente educativo assume um lugar primordial, no que diz respeito à intervenção educativa. O mesmo acontece com os modelos pedagógicos que, na sua estruturação, também definem linhas orientadoras para a organização dos espaços.

Sendo assim, segundo Nunes (2009) o trabalho pedagógico na instituição infantil

envolve momentos como o de preparar as atividades, de organizar o espaço e orientar as crianças, com o objetivo de garantir experiências significativas no cotidiano da instituição infantil.

Portanto, qualquer educador tem, na realidade, uma concepção pedagógica explicitada no modo como planeja suas aulas, na maneira como se relaciona com as crianças, na forma como organiza seus espaços na sala de aula.

O brincar para a criança é principalmente estar presente no ambiente, se constituindo como indivíduo e compartilhando significados. Brincar em um ambiente acolhedor, que retrate a identidade da criança e de livre acesso ao mesmo, é fundamental no seu desenvolvimento, visto que se estará promovendo a interação entre criança / criança, criança / educador e até mesmo respeitando os momentos em que a criança prefere brincar sozinha, pois só assim se respeitará a individualidade da criança.

De acordo com Fantin (2000):

Brincando (e não só) a criança se relaciona, experimenta, investiga e amplia seus conhecimentos sobre si mesma e sobre o mundo que está ao seu redor. Através da brincadeira podemos saber como as crianças vêem o mundo e como gostariam que fosse, expressando a forma como pensam, organizam e entendem esse mundo. Isso acontece porque, quando brinca, a criança cria uma situação imaginária que surge a partir do conhecimento que possui do mundo em que os adultos agem e no qual precisa aprender a viver. (FANTIN, 2000, p. 53)

As crianças que brincam em diversos ambientes ricos de informações e demonstram interesse por estar ali brincando, adquirem conhecimentos e transmitem conhecimentos, através da interação com seus pares. Sendo eles os próprios construtores do seu conhecimento com a mediação de alguém mais experiente. De acordo com Horn (2004, p. 71), o brinquedo satisfaz as necessidades básicas de aprendizagens das crianças, como, por exemplo as de escolher, imitar, dominar, adquirir competências, enfim de ser ativo em um ambiente seguro, o qual encoraje e consolide o desenvolvimento de normas e valores sociais.

Sendo assim, o educador deve considerar a brincadeira segundo o Referencial Curricular Para a Educação Infantil (1998, p. 28): “como um meio de poder observar e constituir uma visão dos processos de desenvolvimento das crianças em conjunto e de cada uma em particular, registrando suas capacidades de uso das linguagens, assim como suas capacidades sociais e dos recursos afetivos e emocionais que dispõe”.

Como está no Art. 8º das DCNEI, as interações e as brincadeiras são os eixos norteadores da proposta curricular da Educação Infantil. Nessa perspectiva o espaço tem

papel fundamental, porque é nele que ocorrerão as brincadeiras, o espaço entra como a dimensão física e a dimensão que possibilita que aquela atividade de imaginação e, também, de imitação seja concretizada.

O educador torna-se o mediador entre crianças e os objetos de conhecimento, organizando e propiciando espaços e situações de aprendizagens que articulem os recursos e capacidades afetivas, emocionais, sociais e cognitivas de cada criança aos seus conhecimentos prévios. O educador constitui-se portanto, um parceiro mais experiente, cuja função é propiciar e garantir um ambiente rico, prazeroso, saudável de experiências educativa e social variadas.

O brincar se faz importante, tanto em casa como no ambiente escolar, como afirma Vygotsky (1992):

[...] é na brincadeira que a criança se comporta além do comportamento habitual de sua idade, além de seu comportamento diário. A criança vivência uma experiência no brinquedo como se ela fosse maior do que a realidade, o brinquedo fornece estrutura básica para mudanças das necessidades e da consciência da criança (VYGOTSKY, 1992, p.117).

Sendo assim os ambientes devem ser resultantes de uma atenta e documentada observação do educador, considerando as necessidades das crianças e as diferenças entre elas (determinadas por fatores culturais, socioeconômicos etc).

As práticas educativas devem ser continuamente refletidas, pensadas e planejadas para poder despertar na criança uma consciência crítica, ativa, participativa, criativa, capazes de interferir na sociedade de forma produtiva, criando assim responsabilidade e maturidade. Porém é preciso respeitar o seu limite de espaço e tempo.

Por fim um espaço/ambiente deve ter um educador que está disposto a tentar mudar e transforma a educação, buscando assim novas maneiras, sendo na mudança física, cronológicas, estruturais, lúdicas e etc.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com toda a história que venho construindo na Pedagogia, a única certeza que tenho é a de quero continuar a aprender.

Diante de tudo que foi exposto em meu trabalho, acredito que o objetivo do memorial foi cumprido pois pude fazer várias reflexões sobre minha trajetória

educacional e identificar o quanto ela foi importante para profissional que eu pretendo ser.

Me vejo como uma profissional que se preocupa em criar um ambiente adequado para favorecer e facilitar o aprendizado das crianças bem como a interação delas com a realidade, também me preocupo em oferecer a elas oportunidades que permitam que elas soltem sua imaginação e representem seus entendimentos com criatividade e isso pode ser feito até mesmo brincando, pois os alunos têm a oportunidade de expressar suas emoções, sentimentos, pensamentos, desejos e necessidades, aprendendo a lidar com os diferentes tipos de linguagens (corporal, escrita, oral, etc.) e pela brincadeira, a criança inicialmente experimenta e depois representa o mundo real, portanto, pretendo construir vínculos baseados na confiança e no respeito mútuo, estimulando o desenvolvimento da autonomia das crianças, e claro fazendo tudo isso com amor e sensibilidade pela educação.

Entende-se por ambiente educativo toda a envolvente física (todo o espaço que envolve a criança), seja este dentro ou fora da sala - desde o grupo, a equipa pedagógica, a instituição, à disposição das áreas na sala, até, a rotina diária é considerada parte da organização do ambiente educativo, bem como as relações interpessoais.

A busca por uma educação infantil de qualidade não pode negligenciar a organização do ambiente escolar. Ela deve assumir a forma de um recurso pedagógico em si que auxilia o professor a alcançar a qualidade na referida etapa de ensino.

As aprendizagens que ocorrem dentro dos espaços disponíveis e ou acessíveis à criança são fundamentais na construção da autonomia, tendo a mesma como própria construtora de seu conhecimento. O conhecimento se constrói a cada momento em que a criança tem a possibilidade de poder explorar os espaços disponíveis a ela.

Por fim, não se defende aqui que o ambiente por si só promova o desenvolvimento e aprendizagem das crianças. É preciso que haja a intencionalidade educativa do professor, que ao organizar esse ambiente, pense em proporcionar situações significativas de aprendizagem às crianças pequenas, permeadas pelo lúdico e que respeitem as especificidades infantis, em que pese, ainda, o desenvolvimento das capacidades afetivas, cognitivas e sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ÁRIES, P. **História Social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BASSEDAS, E.; HUGUET, T.; SOLÉ, I. **Aprender e ensinar na Educação Infantil**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2008.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. 40. ed. São Paulo: Saraiva, 2007.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei nº. 9.394**. Brasília, 1996.

_____. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998 (v. I, II, III).

_____. Ministério da Educação. Câmara da Educação Básica do Conselho Nacional de Educação. Resolução nº 05, de 17 de dezembro de 2009. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 2009

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2010.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Indicadores de Qualidade na Educação Infantil**. Brasília, DF: MEC/SEB, 2009.

_____. Senado Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: nº 9394/96**. Brasília: 1996.

CAIALA, Chaiene; SANROS, Fabiala Almeida; RODRIGUES Monize. **A importância da organização do tempo e do espaço na Educação Infantil**. PETPEDAGOGIA UFBA. Salvador: Bahia, 2012. Visto em: <http://petpedagogia.ufba.br/importancia-da-organizacao-do-tempo-e-do-espaco-na-educacao-infantil> Acesso em: 14 out. 2021.

CARDONA, M. J. (1992). **A Organização do Espaço e do Tempo na Sala de Jardim de Infância**. In: Seabra, M. (org.). Cadernos de educação de infância (Nº 24). Associação dos Profissionais de Educação de Infância. Lisboa.

CARVALHO, Maria Campos de; RUBIANO, Márcia R. Bonagamba. **Organização dos Espaços em Instituições Pré-Escolares**. In: OLIVEIRA, Zilma Morais. (org.) Educação Infantil: muitos olhares. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

COHN, Clarice. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

GANDINI, Lella. Espaços Educacionais e de Envolvimento Pessoal. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As cem linguagens da criança: a abordagem de Réggio Emilia na educação da primeira infância**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul Ltda.,1999.

HANK, Vera Lucia Costa. **O Espaço Físico e sua Relação no Desenvolvimento e Aprendizagem da Criança**. Brasil Escola. Meu Artigo. 2006. Visto em:

<https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/o-espaco-fisico-sua-relacao-no-desenvolvimento-aprendizagem-.htm> Acesso em: 14 out. 2021.

HORN, Maria da Graça de Souza. **Sabores, cores, sons, aromas.** A organização dos espaços na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2004.

KRAMER, Sônia. Infância e educação: o necessário caminho de trabalhar contra a barbárie.

In: _____ (Org.). **Infância e educação infantil.** 2. ed. Campinas: Papyrus, 2002. p. 269-289.

KRAMER, Sônia; LEITE, Maria Isabel. **Infância: fios e desafios da pesquisa.** 6. ed. Campinas: Papyrus, 1996.

KUHLMANN Jr., Moysés. **Infância e Educação Infantil: uma abordagem histórica.** 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 1998.

MALIK, L. (sem data). **Será a escola facilitadora de aprendizagem.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

MATOS, Julianna Mendes. **A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO DA EDUCAÇÃO INFANTIL: A PERSPECTIVA DAS CRIANÇAS.** Grupo de Trabalho – Educação Infantil. Educere, XV Congresso Nacional da Educação. 2015. Visto em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/21037_10391.pdf Acesso em: 14 out. 2021.

MOURA, Margarida Custódio. **Organização do espaço:** contribuições para uma educação infantil de qualidade. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

NATUREZA, Programa Criança e. **Desemparedamento da infância:** A escola como lugar de encontro com a natureza. 2ª edição. 2018. Rio de Janeiro, julho de 2018. 59 p. Disponível em: https://criancaenatureza.org.br/wp-content/uploads/2018/08/Desemparedamento_infancia.pdf. Acesso em: 09 jun. 2021.

NUNES, Leonília de Souza. **Escuta sensível do professor: uma dimensão da qualidade da educação infantil.** Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

OLIVEIRA, Zilma de M. Ramos. **A criança e seu desenvolvimento.** Perspectiva para se discutir a educação infantil. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

_____, Zilma Ramos de. **Docência em formação na educação infantil: fundamentos e Métodos.** São Paulo: Cortez, 2008.

OLIVEIRA, Vera Barros de. **O brincar e a criança do nascimento aos seis anos.** Petrópolis: Vozes, 2000.

ROSEMBERG, Fúlvia. **Creches e pré-escolas no Brasil.** São Paulo: Cortez e Fundação Carlos Chagas, 1992.

SARMENTO, Manuel J. **Imaginário e culturas da infância**. Texto produzido no âmbito das atividades do Projeto “As marcas dos tempos: a interculturalidade nas culturas da infância”. Projeto POCTI/CED/2002.

SOUZA, Gisele. **A criança em perspectiva: o olhar do mundo sobre o tempo infância**. São Paulo: Cortez, 2007.

THIAGO, L. P. S. Espaço que dê espaço. In: OSTETTO, L. E. (Org.). **Encontros e encantamentos na Educação Infantil: partilhando experiências de estágios**. Campinas: Papirus, 2006, p. 51-62.

TIRIBA, Léa. **Diálogos entre a arquitetura e a pedagogia: educação e vivência do espaço**. Organização: Zóia Prestes. Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Sociais ISSN: 18086535 Publicada em junho de 2008. P.27-43.

VYGOTSKY, Lev. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 1992.

ZABALZA, M. **Didáctica da Educação Infantil**; Lisboa; Edições ASA. 1992

_____, M. A. **Qualidade em Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 1998.